



*“Leais são as feridas feitas pelo que ama, **porém os beijos de quem odeia são enganosos**”*
Pv 27:6b

Kelson Mota T. Oliveira

1. SOBRE A NATUREZA DO BEIJO E QUEM O DÁ

Algum tempo atrás discorri sobre o texto de Pv 27:6a, enfatizando três feridas leais: a ferida da contrição, a ferida da compaixão e a ferida da anelante aspiração por Deus. Naquela ocasião viu-se que quem faz a ferida é o Senhor e a que a natureza da mesma era de ordem espiritual, no coração humano. Hoje quero enfatizar a segunda parte do versículo: *“os beijos de quem odeia são enganosos”*.

Como já vimos, o texto em Pv 27:6 à primeira vista possui um significado simples e sem maiores rodeios: um amigo amoroso ao nos repreender poderá, com suas palavras, nos ferir, mas estas feridas, ainda que dóidas, sararão porque são leais ou fieis ou concernentes à nossa necessidade de correção em face de um erro cometido. Por outro lado, alguém que nos odeia, que não quer nosso bem, ou não é sincero em sua amizade para conosco, poderá nos falar com palavras doces, que alegam nossa mente e ego, mas não nos ajudarão a crescer e sim a permanecer no engano.

A figura é de contraste: o amigo amoroso, que em sua repreensão amorosa nos machuca por lealdade à amizade estabelecida, e o falso companheiro que, dizendo-se amigo, dá tapinhas nas costas e se alegra com nossa desgraça. Seus beijos são doces, porém enganosos. Esta é a interpretação de primeira instância e está correta quando aplicada aos relacionamentos humanos.

Assim, poderíamos nos restringir nessa oportunidade a pregar sobre a falsidade de alguns relacionamentos humanos, o que poderia ser útil e proveitoso em vários aspectos, especialmente em face à lastimável cultura superficial que grassa em nossos dias e mesmo em meio da Igreja de Cristo. O apóstolo Paulo já ecoava este provérbio ao advertir os cristãos contra aqueles que provocavam divisões no seio da Igreja e eram contrários à sua doutrina: *“porque esses tais não servem a Cristo, nosso Senhor, e sim a seu próprio ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos incautos.”* (Rm 16:18)

Contudo, em sentido mais profundo, não é sobre o relacionamento humano que a segunda parte do versículo se refere. Quando o interpretamos a segunda parte à luz do relacionamento bíblico homem/mundo-decaído novos significados surgem, e é sobre esses que quero me deter esta noite.

Convém lembrarmos alguns fatos que ilustram a segunda parte do versículo seis antes de aplicarmos o texto propriamente dito, a fim de entendermos a natureza do beijo enganoso, ao qual o Pregador se refere.

O primeiro beijo enganoso

A primeira e principal ocorrência de um engano revestido de doçura e encanto aparece já nas primeiras páginas das Escrituras. Quando Adão e Eva foram seduzidos no paraíso, a proposta da serpente lhes pareceu mais doce e melodiosa que a ordem dada por Deus:

“É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dela comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal” (Gn 3:5)

Ser como Deus, que pensamento maravilhoso. Nunca havia passado pensamento semelhante no coração daqueles dois. *“Que amigo incrível é a serpente, quão doces são suas palavras, que melodiosa a sua voz”* é o que poderia estar pensando aquele primeiro casal. Entretanto, os resultados todos conhecem. O homem decaído da graça de Deus, a

expulsão do paraíso, a maldição sobre toda a Criação, toda sorte de conflitos humanos e o reconhecimento de um grande inimigo a combater ferozmente a humanidade (Gn 3:8-15).

Temos aqui o primeiro exemplo de um beijo enganoso. Doce ao paladar, suave aos ouvidos, desejável em seus propósitos, mas amargo e horrendo em suas intenções malignas, fruto do ódio mais profundo pela Pessoa do Senhor Deus. Deste primeiro beijo a humanidade não mais se recuperou. Todos os beijos enganosos advêm deste primeiro.

Outros exemplos nas Escrituras

Outro exemplo de beijo enganoso encontra-se em I Rs 22:5-28, quando o profeta Micaías é chamado à presença dos Reis Acabe e Josafá para profetizar se deveriam sair para pelejar contra a Síria. Anteriormente avisado de que 400 profetas haviam profetizado o bem do rei Acabe e sua vitória contra os sírios, Micaías foi *“incentivado”* a concordar com o prognóstico (Vs 13). Não convinha ser duro com o Rei Acabe, especialmente quando este estava na presença de outro Rei. Todavia sua resposta fora *“o que o Senhor me disser, isso farei”* (vs 14). Os 400 profetas falaram palavras que estavam de acordo com os desejos do rei, e em especial o *“profeta”* Zedequias. As palavras de vitória daqueles falsos amigos soaram melodiosas ao ouvido real de Acabe, mas as palavras de Micaías o aborrecera (vs 18), pois falavam de derrota. Aqueles profetas odiaram a verdade de Deus, e não a buscaram, estavam mais interessados em lisonjear o rei, e neste proceder se auto-enganavam e levavam ao engano. No fundo aqueles homens não amavam realmente o Rei, buscavam apenas o favor real que advinha da aprovação. Suas palavras eram beijos enganosos.

Que exemplo maior de beijo enganoso que o de Judas Iscariotes, que traiu o Senhor Jesus (Mt 26:47-50)? Com um beijo entregou o Filho do Homem, e o traiu no momento de maior necessidade, como está escrito em Sl 41:9:

“Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”

O interessante nesse versículo é que a palavra *calcanhar* (*aqeb*) está ligada ao verbo *enganar* (derivado da raiz *aqab* que significa *suplantar, lograr, pegar pelo calcanhar, seguir no encalço de, atacar traiçoeiramente, burlar*), dando a impressão de um trocadilho ou mesmo hebraísmo. O Senhor Jesus em Jo 13:18 aplicou este versículo a Judas Iscariotes.

Nesse episódio há um mistério, Judas andou com o Senhor, da mesma forma que Pedro, Tiago, João e o restante dos apóstolos, e, contudo, encarna o versículo de Pv 27:6 à perfeição. Com um beijo traz o engano àquele que dizia amar. Em seu zelo pela nação judaica vende sua lealdade e trai sangue inocente.

Em cada um desses casos, o engano é revestido e apresentado em uma capa de respeitabilidade. No caso de Adão e Eva havia o sincero desejo de ser como Deus seu Criador, no caso de Zedequias havia o desejo de honrar os desejos do rei, no caso de Judas estava o futuro e a felicidade da nação judaica em jogo.

A natureza do beijo

Note também que o engano só é considerado um beijo doce e desejável porque aquele que se submete ao engano espera que o mesmo seja de fato bom. A figura não é do tipo *“me engana que eu gosto”* e sim do tipo *“teu jeito é tão doce e prazeroso que não me importo com as conseqüências, pois confio em ti”*.

Há uma predisposição no homem decaído em dar mais atenção aos beijos enganosos do que às feridas leais. Especialmente porque estas ferem visando nosso bem, e aqueles nos enganam com a promessa de nosso bem-estar. Infelizmente o homem decaído é sempre mais propenso ao engano que lhe acene com o prazer que com a verdade que fere e traz a redenção. Em certo sentido não é essa a loucura da cruz que o apóstolo Paulo se refere, a qual o mundo não compreende (1 Co 1:18)?

Quem dá o beijo enganoso – o que odeia!

Outro ponto que deve ser notado, é que o engano não é algo fruto do acaso, antes vem do inimigo, daquele que odeia e que está próximo e, no entanto, busca manter aparência de alguém bom, confiável, amável e pronto a dar sugestões razoáveis. Há aqui uma figura de contraste. Em certas situações o que ama, fere, o que odeia, acalenta. E a dificuldade consiste em distinguir entre um amigo leal, que nos repreende, e por vezes nos fere, e um inimigo que nos lisonjeia e mima e, contudo suas intenções estão cheias de engano.

Podemos colocar a questão de outra maneira: *é mais fácil andar com alguém que nos fere intencionalmente visando nosso crescimento ou com alguém que nos bajula e mima, e não faz esforço algum em nos repreender no caminho errado?* Infelizmente a raça humana tende a optar pela última alternativa. Prefere um inimigo atencioso e adulator que um amigo leal.

Já vimos no caso das feridas leais, que o texto se refere ao Senhor Deus como o que fere. Semelhantemente, há um sentido mais profundo em que aquele que odeia e nos beija se refere não ao homem propriamente, mas aos verdadeiros inimigos da humanidade.

O episódio da Queda deixou em clara evidência o primeiro e mais terrível inimigo da humanidade, também chamado de a antiga serpente, o grande dragão, que se chama diabo e satanás, o sedutor de todo o mundo (Ap 12:9). Foi ele quem primeiro se aproximou do homem, de forma sedutora, com palavras doces, e cheio de intenções malignas.

O Senhor Jesus ensinou que o diabo é o inimigo, o que semeia o joio em meio ao trigo (Mt 13:39), que foi homicida desde o início, mentiroso e pai da mentira (Jo 8:44). É seu desejo ver a obra de Deus destruída. Em Crônicas é relatado que Satanás se levantou contra Israel (1 Cr 21:1), em Jó o vemos duvidando da Palavra de Deus (Jó 1:9), Lucas descreve que Judas Iscariotes deu lugar ao diabo e foi trair a Cristo (Lc 22:3) e Pedro adverte que ele é como um leão que ruga, buscando a quem tragar (1 Pe 5:8). Mesmo no início da Igreja vemos o diabo com sutis palavras levar Ananias e sua esposa a mentir ao Espírito Santo (At 5:3), e a trazer no meio da Igreja aqueles que nunca foram de Cristo, como disse o apóstolo Paulo:

“E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras.” (2 Co 11:14-15)

Portanto, temos no diabo nosso inimigo mais odiado, especialmente porque este mundo jaz no Maligno (1 Jo 5:19). Entretanto, ainda que as pessoas tenham uma vaga idéia, por vezes folclórica, do diabo como um inimigo, a esmagadora maioria sequer suspeita que o mundo – o sistema pecaminoso em que este mundo decaído se encontra (1 Jo 2:15-17, Tg 4:4) –, e a carne – a natureza totalmente depravada do homem que milita contra Deus (Rm 3:10-18; 7:18, 8:4-9, 13:14) – também o são.

E estes três, conjunta e sinergicamente, têm, desde a Queda da humanidade, feito propostas ao homem que parecem maravilhosas aos olhos, doces ao paladar e agradáveis aos ouvidos. Propostas que apelam aos sentidos e à natureza decaída do ser humano. Tão doces e provocantes quanto os beijos da pessoa amada, e no entanto, profundamente enganosos.

Dos vários beijos pelos quais a humanidade tem sido enganada, há três desses que gostaria de compartilhar. Não são os únicos, porém são os mais sedutores e doces para o coração humano. Faremos bem às nossas almas se os notarmos, e com o auxílio do Espírito de Deus repudiarmos seu sutil e vil discurso.

I. A RIQUEZA E O PODER COMO MEDIDOR DE SUCESSO - AUTODEPENDÊNCIA

No mundo os homens são julgados pela habilidade com que fazem as coisas. Quem faz mais e melhor é festejado, imitado e idolatrado. Quem não sabe ou não tem poder para fazer é desprezado, tripudiado e isolado. Ser bem-sucedido é motivo de festa, ser

fracassado é sinal de erro, incompetência. O medidor deste sucesso é o poder e a riqueza auferidos ao longo de uma carreira profissional.

Em outras palavras este medidor poderia ser chamado de autodependência, a capacidade do indivíduo depender apenas de si mesmo, de seus recursos próprios. Quanto maior sua autodependência – e isso está diretamente ligado a poder e riquezas – maior seu sucesso.

É sempre bom deixar claro que ter riquezas em si não é pecado, e mesmo uma certa dose de ousadia é necessária na realização de projetos no Reino de Deus. Não há nada que, vindo de fora, possa contaminar o homem (Mt 15:10-11,17-20). A Palavra de Deus não faz apologia à pobreza. Um homem rico está tão distante do reino dos céus quanto um homem pobre, se confia em seus próprios méritos. Todavia, a Palavra de Deus adverte fortemente sobre o perigo das riquezas - seja elas quais forem – tomarem no coração e na mente daquele que as possui, o lugar de Deus. E este perigo é real.

“Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes. Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam o homem na ruína e perdição. Por que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (I Tm 6:8-10)

Existiram pessoas ricas, que foram consideradas justas na presença de Deus, entre elas podemos citar Abraão, José, Jó, Zaquel, José de Arimatéia, entre outros. Tinham riquezas, mas não as consideravam como inerentes à sua personalidade e capacidade de obter sucesso. Entretanto, para o Mundo – o sistema pecaminoso que nos cerca e nos sufoca desde a Queda – as riquezas são vistas como um fim em si mesmo, como o grito supremo de independência.

Ter riqueza e poder é sinônimo de ser bem-sucedido. O discurso da mídia mundana, que soa melódica aos ouvidos da grande maioria, prega que a realização do ser humano se dá somente pela posse de bens, pelo exercício do poder, pela incrível sensação de não depender de nada e de ninguém. Este é o doce beijo enganoso do mundo.

Aliás, as propagandas se baseiam exclusivamente no discurso *“ter é poder, principalmente poder de ser feliz e livre”*. Certa vez ao entrar em um banco me deparei com um cartaz que mostrava um homem baixinho, sorridente, pouco atraente, casando com uma mulher alta e belíssima, cercados de luxo e pompa. Embaixo havia a sinopse do acontecimento: *“com nossos títulos de capitalização, nenhum sonho será impossível”*. Em outras palavras, *se tiveres dinheiro, e com ele poder, mesmo feio e baixinho você consegue casar com uma modelo ou mesmo ser um sucesso entre as mulheres, nada será impossível*. A frase enche os olhos, a imagem é bem-acolhida no coração. Acaricia-nos como um beijo. Sua mensagem é sedutora, e são poucos os se mantêm indiferentes a este conselho sedutor. Contudo sua intenção é maligna, e sua natureza é o mais perverso engano. Avalia o homem apenas pelos bens que possui e pelo poder que exerce.

Nossa geração é marcada pela unanimidade quase universal desse conselho. O mundo gira em torno de uns poucos ricos e poderosos, e impõe ao restante da humanidade o modelo de sucesso a que se deve buscar. E nessa busca as pessoas pisam umas nas outras, deixam família, amigos e o Senhor Deus de lado. O objetivo é ter o melhor carro, a mais bonita casa, o último lançamento em novidade eletrônica, a conta bancária mais recheada, a mulher mais bonita, o homem mais charmoso, um diferencial a mais que os demais.

Mesmo no seio da igreja esta mensagem sedutora tem se instalado com maior liberdade a cada dia. **Em lugar de ser santo**, têm-se procurado o sucesso pelos padrões do mundo. **Em lugar de servir**, é preferível ser servido, pois o homem ou mulher de sucesso deve ser sempre servido, *“ser cabeça, nunca cauda”*. **No lugar do Senhor Jesus**, há a conta bancária, a ostentação do carro do ano, a exibição de roupas de grife, o grito do poder. Ao invés de buscarmos a dependência de Deus, somos incentivados a dependermos somente de nossa própria força. E essa mensagem balança nossos corações e mentes.

O maior engano por trás deste beijo sedutor consiste em levar o indivíduo acreditar que ele possuirá poder sobre sua vida se tiver riqueza suficiente. Nada lhe será impedido. O que quiser fazer, fará. Ele será seu próprio deus. Não é por coincidência que o Senhor Jesus afirma *“Não podeis servir a Deus e as riquezas”* (Mt 6:24). E a palavra traduzida por riqueza é *Mamon*, um ídolo, que também significa ventre, apetites. Ou seja, não dá para adorar a Deus e adorar a si mesmo.

É triste também verificar que a busca pelo sucesso corrói o caráter do ser humano. A pressão de estar sempre no topo é desgastante. Não há paz ou verdadeiro prazer na riqueza obtida por essa visão enganosa.

Em nossos corações temos acalentado o engano que riquezas e poder são sinônimos de sucesso? Nossos sonhos giram em torno da obtenção de bens terrenos ou bens eternos? Nosso objetivo de vida é somente ser bem-sucedido na carreira profissional, e desfrutar dos bens daí resultantes, ou é ser primeiramente santo como o Senhor Deus é Santo? Nosso modelo é o modelo de sucesso do mundo ou é a vida do Senhor Jesus? Se nossa resposta sincera tender para o engano, permitam lembrar as palavras do Senhor Deus:

“Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele. Por que tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procedem do Pai, mas do mundo” (1 Jo 2:15-16)

O conselho que o mundo dá sobre as riquezas e poder é fortemente sedutor, mas lembre-se *“os beijos de quem odeia são enganosos”*.

II. O RECONHECIMENTO PÚBLICO COMO MEDIDOR DO CARÁTER – AUTO-AFIRMAÇÃO

Em agosto de 2003 morreu o presidente das Organizações Globo – maior conglomerado de mídia do Brasil – o Sr. Roberto Marinho. Seu enterro contou com a presença de cinco ministros de estado, dois ex-presidentes, várias celebridades do mundo artístico e empresarial, e do próprio presidente da República, que decretou três dias de luto oficial. O que me chamou atenção não foi o impressionante cortejo de celebridades que acompanhavam o féretro, mas a leitura que a mídia fazia do mesmo. Os jornais davam destaque à presença do Sr. Fulano ou do ministro Beltrano. Telejornais, especialmente da Rede Globo, enfatizavam as várias frases ditas por personalidades influentes a respeito do falecido. Até os deputados no Congresso Nacional fizeram discursos e homenagens póstumas exaltando o espírito empreendedor, alguns até citando que o Sr. Marinho era o grande responsável pela construção do Brasil atual.

Independente da pessoa que o Sr. Marinho foi, uma coisa ficou patente nos discursos em seu funeral: para o homem decaído da Graça, reconhecimento público é um medidor do caráter. Quanto maior o reconhecimento, maiores são os discursos acerca das qualidades que o indivíduo possui. Do ponto-de-vista individual podemos chamar a isso de auto-afirmação, a necessidade de ser reconhecido por outrem como alguém bom, capaz, inteligente, visionário, empreendedor, exemplo digno de ser seguido.

Se alguém é famoso, badalado, interessante, reconhecido das pessoas, a tendência humana é considerá-lo, salvo raras exceções, uma excelente pessoa, de bem com a vida e com os homens. A fama e o reconhecimento são capazes de transformar um mau-caráter em um santo aos olhos do público. Aquele que se auto-afirma perante os homens, é considerado alguém de caráter, de personalidade forte, merecedor de confiança. E o homem sem Cristo tende a associar o reconhecimento com bom caráter e, conseqüentemente, com sucesso de vida. Não importa se a pessoa crê naquilo que projeta como imagem pessoal, o que importa é que as pessoas acreditam.

Nesse sentido os fariseus e os escribas eram mestres em se fazerem de bons aos olhos do grande público. O Senhor Jesus os condenou duramente por isso.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caídos, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de

toda imundícia! Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e iniquidade” (Mt 23:27-28)

Os filhos de Adão estão sempre buscando reconhecimento sobre si mesmos. Envidam esforços para ter associada uma imagem de sucesso, de generosidade, de tranquilidade. As redes sociais são uma prova clara do esforço do indivíduo em associar sobre si uma imagem descolada, bacana, cool, que atraia pessoas para seu círculo de amigos virtuais. Sim, o velho homem se alegra com elogios, com tapinhas nas costas, com bajulações, com depoimentos favoráveis, com comentários alegres, em ter seu nome sussurrado quando passa pelos corredores. É doce aos seus ouvidos o pronunciar de seu nome.

Por que os reality-shows, vazios de qualquer conteúdo, fazem tanto sucesso hoje? Por que pessoas comuns, algumas até bem-sucedidas, se submetem a situações degradantes? A resposta é simples: querem se tornar célebres, e como aqueles que estavam na torre de Babel, querem ter seu nome imortalizado no hall da fama. Que beijo enganoso.

O cristão maduro compreende que esta mensagem sedutora é enganosa pelo simples fato de saber que o verdadeiro reconhecimento vem de Deus. Ele também sabe que não importa a maneira como as pessoas o vêem, uma vez que os olhos do Senhor perscrutam as profundezas de seu coração e o vê como ele realmente é, e isso no final da contas é que realmente importa (Jr 17:9-10). Sabe também que aqueles que odiaram seu Senhor e Mestre também o odiarão, e como cristão, nunca será bem aceito (Jo 15:18-21, 16:1-3; 2 Tm 3:12). Tem também em seu coração assentado bem firme a palavra do Mestre quando ao louvor público se torna uma necessidade:

“Ai de vós, quando todos vos louvarem! Porque assim procederam seus pais com os falsos profetas” (Lc 6:26)

“Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado” (Mt 23:12)

Temos buscado a honra que vem do Alto ou a quem vem dos homens? Temos aceitado o engano que sussurra em nossos corações que reconhecimento público é sinônimo de sucesso e bom caráter? Caso estejamos concordando com os desígnios do mundo e com os desejos de nossa carne, lembre-se que este conselho é enganoso, e tanto o mundo quanto a carne, são nossos inimigos e odeiam o novo homem nascido segundo Cristo. *“Os beijos de quem odeia são enganosos”.*

III. A FELICIDADE COMO OBJETIVO DE VIDA – AUTO-REALIZAÇÃO

Os dois enganos anteriores têm sua origem em um terceiro. É um engano antigo, ensinado como uma grande verdade, e aceito como um axioma – uma verdade que se prova por si mesma, ou que não necessita de prova para ser aceita. Sua raiz remonta à própria criação do ser humano. O Senhor Deus criou o homem para o louvor da sua glória (Ef 1:12), para desfrutar de Sua Graça e gozar de sua Presença eternamente. Em outras palavras, o homem foi criado com um propósito bom, e uma vez permanecendo neste propósito encontraria o sentido pleno de sua existência. Em suma, o homem recebeu de Deus o presente do contentamento eterno em Sua companhia. Infelizmente a Queda perverteu os objetivos para os quais o homem foi criado. O sentido de sua existência – que se encontra em Deus – foi perdido e esquecido. Em seu lugar ficou uma espécie de fome, um desejo não satisfeito, uma alegria não completada, um propósito não atingido. A humanidade longe de Cristo, pena desde então, com este vazio abjeto e assustador.

Não sei como, onde ou quando começou o engano, talvez tenha sido na própria proposta da Antiga Serpente, que se chama diabo e satanás, que levou a humanidade a identificar este vazio com um conceito vago e indefinível de caminho para a felicidade – talvez o engano mais diabólico de todos.

O sentimento causado pela falta de comunhão com o Criador, na vida do homem, foi mascarado pelo conceito de busca da felicidade. Da falta de sentido completo, a humanidade foi levada a crer que encontraria sentido na própria busca de algo desconhecido. O objetivo da vida passa a ser a busca vaga e incessante pela felicidade pessoal, da auto-realização. O problema está em saber o que é a felicidade procurada. Como ninguém, longe de Deus, pode defini-la, a humanidade se encontra em meio a densas trevas, sem qualquer luz, à procura de algo que nunca viu, cercado de abismos por todos os lados. É um quadro desesperador.

E, no entanto, apesar do desespero da situação, em grande medida, para a humanidade longe de Cristo o melhor indicador do sucesso é ser feliz, ou melhor, obter a felicidade, se auto-realizar, seja lá o que isso signifique. O mundanismo, como sistema organizado, tem sua bandeira na busca pessoal desta felicidade

Não tem como negar que há coração humano a necessidade de ser ouvido, compreendido e amado, enfim: de ser feliz, completo. De certa forma isso é reflexo daquilo para o que fomos criados: o gozo da presença de Deus. Essa necessidade, entretanto, alcançou em nossos dias – dias de correria, agitação, falta de tempo, de ônibus lotado, trânsito caótico e pouco diálogo – níveis nunca antes experimentado pela humanidade, chegando às raias da paranóia completa.

Os motivos que alimentam essa necessidade cada vez maior, e menos satisfeita, são variados. Entre os principais podemos citar a busca frenética e desenfreada por paz em um mundo agitado e sempre em transformação. Outro motivo é o engano que o ter/poder é um meio para se atingir a felicidade almejada. Por último e mais forte motivo para o crescimento anormal desta necessidade está no endeusamento da felicidade como um fim em si mesma.

Já notaram como, praticamente, todos os filmes, músicas, novelas, livros e até mesmo alguns telejornais, sempre terminam com finais felizes. Ai do filme ou novela que não tenha *happy end!* A idéia melosa de um final romântico ou maravilhoso, com o vilão castigado e o mocinho glorificado, criou na população mundial uma visão grotesca da real felicidade criada por Deus para o homem.

A humanidade vive escravizada pela obrigação de ser feliz. *Temos que ser felizes!* Todos os meios de comunicação berram essa afirmação em nossas mentes muitas vezes por dia. Faça um teste e preste atenção nas propagandas, a idéia é sempre a mesma: *você será mais feliz se adquirir tal e tal produto, ou tomar tal e tal refrigerante.* Em cenas com paisagens esplêndidas, modelos maravilhosos e padrões de vida requintados são-nos apresentados produtos, necessidades e idéias geradas na mente doentia de algum escravo devoto da religião *Felicidade.*

Não fomos criados para sermos escravos de uma obsessão. Por mais atraente que seja, o ideal atual de felicidade humana não passa de uma grande e deslavada mentira imposta a nós por um sistema doente e pecaminoso. A felicidade não é um fim em si mesma e tampouco o alvo final de realizações de uma vida coroada de sucesso.

O conceito diabólico de felicidade humana prega a satisfação de todas as necessidades. Serei feliz quando não tiver necessidade de coisa alguma. Não é à toa que os ricos e os famosos são em geral invejados. Tem-se a impressão que não precisam de nada e, portanto, atingiram a felicidade. Esta idéia é satânica em sua essência porque desconsidera que a verdadeira necessidade do ser humano: o Senhor Deus.

De todas as necessidades do homem, Deus é a maior delas. Não há quem se sinta completamente em paz e realizado longe dos caminhos de Deus. Como nos escreve o salmista:

“A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus?” (Sl 42:1)

A idéia sedutora de auto-realização sem Deus, ainda que sedutora, é falsa e diabólica. Muitos gastam anos e anos de suas vidas em busca de algo que não alcançarão. Outros, acreditando nesse engano, abandonaram cônjuges e filhos simplesmente para ser

feliz. Há até aqueles que, invocando Deus, afirmam que “não fomos criados para a infelicidade, portanto me deixe ser feliz a meu modo. Deus quer que eu seja feliz”.

Convém então perguntar: em que tem consistido nosso objetivo maior na vida? Em ser feliz, em obter realização de vida? Seu conceito de felicidade tem sido na obtenção e satisfação de necessidades materiais e físicas? O que tem sido mais importante: ser feliz ou ser santo? Já passou por seu coração que o Senhor Jesus, nesta terra, não procurou a felicidade, e sim à vontade de Deus? Caso tenhas percebido que tuas respostas inclinam-se ligeiramente para o mundo, deixe-me lembrá-lo de algo:

O Senhor Deus realmente quer que sejamos felizes, criou-nos para o Gozo e Alegria eterna, para desfrutar da verdadeira Felicidade. Ora, a verdadeira felicidade só existe na presença do Senhor Deus, como está escrito:

“O Senhor é a porção da minha herança e o meu cálice; és o arrimo da minha sorte. Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente” (Sl 16:5,11)

Não entender essa sublime verdade é preferir os beijos enganosos do mundo, da carne e do Inimigo de nossas almas. Ousaremos desejar tão cruel infortúnio para nós mesmos?

CONCLUSÃO

Amados irmãos, dar ouvidos ao engano da autodependência, da auto-afirmação e da auto-realização é amar o mundo (Tg 4:4). Não há sombra alguma de verdade em qualquer destes três conceitos sedutores. O Senhor Jesus Cristo veio ao mundo em completa dependência do Pai (Jo 5:19), não buscou o reconhecimento público para alavancar sua missão e mostrar-se piedoso (Mt 12:15-21), e tampouco buscou seu bem-estar e vontade pessoal (Lc 22:42; Jo 4:34). Seu desejo era fazer a vontade de seu Pai (Jo 5:30).

Até quando continuaremos a dar ouvidos ao apelo sedutor deste mundo? Até quando estaremos mais empenhados em conseguir bens, reputação e auto-realização do que fazer a vontade do Senhor Deus? Às vezes tem-se a impressão que a Igreja, conforme se apresenta nos dias de hoje, não aprendeu nada. Continua vendo como os homens vêem, julgando como os homens julgam e desejando o que o mundo deseja. Preferindo os beijos enganosos do mundo que as feridas leais do Senhor.

Pelos padrões do mundo Jesus Cristo morreu em aparente fracasso: pobre, condenado como um malfeitor, e certamente, tido por muitos, como um infeliz, todavia o Pai...

“O exaltou sobremaneira e lhe deu o Nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, ns céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai” (Fp 2:9-11)

Procedamos, portanto, da mesma forma. A Ele toda a glória!!